




OUTROS MODOS DE PALAVREAR: COMO NASCE UMA TESE COM CRIANÇAS?

Other ways of wording: how is a thesis with children born?

Déborah Helenise Lemes de PAULA

Secretaria Municipal de Educação
Prefeitura Municipal de Curitiba
Curitiba, Brasil


deborah.helenise@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2138-4192> 

Marynelma Camargo GARAMHANI

Programa de Pós-graduação em Educação
Departamento de Educação Física
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Brasil

marynelmagaranhani@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3975-7137> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Para (des)informar e desenformar as palavras acostumadas à dureza da ciência, escolhemos narrar, como gênero literário, como nasce uma tese de pesquisa com crianças. Um exercício poético que nos fez performar com/em outras linguagens. Escolher narrar uma tese de doutorado emergiu como uma proposta de devolutiva da pesquisa para as crianças. Assim, buscamos compartilhar nas linhas desse artigo com apoio em Gonçalves (2018), modos de palavrear, por meio de um ensaio poético-científico. Para tanto, nos movemos no caminho de uma escrita em primeira pessoa a qual o narrador-personagem é a própria tese, o objeto que vira gente, num enredo em que se amalgamam poética e ciência. Nos arranjos de uma pesquisa científica até o momento de sua defesa, buscamos apresentar uma narrativa que diz respeito a como nasce uma tese de pesquisa com crianças e que, nessa esteira, nos mobiliza a pensar em como comunicar uma tese para crianças, a devolutiva para os sujeitos colaboradores da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa. Criança. Ética. Devolutiva.

ABSTRACT

To (dis)inform and unmold words accustomed to the harshness of science, we chose to narrate, as a literary genre, how a research thesis with children is born. It was a poetic exercise that made us perform with/in other languages. Choosing to narrate a doctoral thesis emerged as a proposal of feedback on the research to the children. Thus, we sought to share along the lines of this article, with support from Gonçalves (2018), ways of wording through a poetic-scientific essay. Thus, we moved along the path of first-person writing in which the narrator-character is the thesis itself, the object that becomes a person, in a script in which poetry and science are amalgamated. In the arrangements for scientific research up to the moment of its defense, we sought to present a narrative that concerns how a research thesis with children is born, and that mobilizes us to think about how to communicate a thesis to children, that is, presenting the results for the research collaborators.

KEYWORDS: Research. Child. Ethic. Feedback.

"Não gosto das palavras fatigadas de informar"
(Barros, 2015, p.149)

Começar um texto com poemas de Manuel de Barros parece que virou moda. Não estamos nos referindo aos textos de outros, mas os nossos. Contudo, o poeta cancionista sempre tem uma palavra inteligente para (des)consertar o rigor técnico-normativo da ciência. Não que o rigor não seja necessário, ele é. Mas o rigor das pesquisas com crianças é outro. Porque às vezes, nas pesquisas, elas nos desconsertam, uma vez que nem sempre estão interessadas nas palavras fatigadas de informar.

Assim, é preciso saber escolher palavras, métodos, instrumentos/ procedimentos e teorias para pesquisar com/sobre/para as crianças¹. De outro modo, é necessário superar as palavras fatigadas de informar.

E, como superar as palavras fatigadas de informar sem abandonar o rigor que uma pesquisa científica exige? Foi esse desafio o qual nos propusemos ao palavrear, ou melhor, ao colocar corpo nas palavras, e corpo aqui pode ser interpretado de forma literal e metafórica, de uma pesquisa com crianças.

Neste sentido, para (des)informar e desenformar as palavras acostumadas à dureza da ciência, escolhemos narrar², como gênero literário, como nasce uma tese de pesquisa com crianças. Um exercício poético que nos fizesse performar com/em outras linguagens.

Escolher narrar uma tese de doutorado como gênero literário não foi apenas *algo que nos deu na cabeça*. Mas que emergiu como uma proposta de devolutiva da pesquisa para as crianças. Aliás, escolher narrar uma tese como devolutiva da pesquisa para as crianças teve a ver com a ética, pois como assegura Scramingnon (2020, p.66, grifo nosso)

¹ De acordo com Carvalho, Santos e Machado (2022, p.27, grifo dos autores) "as pesquisas com crianças também são sobre e para as crianças. Configuram -se como sendo sobre crianças pelo fato de que elas são narradas em nossos relatórios de pesquisa. Por essa via, entendemos que os modos como narramos as crianças nas pesquisas, apresentamos os seus pontos de vista e analisamos os dados gerados refletem as nossas concepções de crianças, infâncias e Educação Infantil. Por outro lado, de acordo com Bodén (2021), a preposição "para" se refere às possíveis contribuições de nossas investigações para a vida das crianças que participam de nossas pesquisas."

² A narrativa (texto) apresentada foi utilizada para compor o momento da sessão pública de defesa da tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, realizada de modo presencial e transmitida ao vivo pelo Youtube.

[...] a ética como postura de pesquisa tem a ver com a autoria do pesquisador e não está dada a priori, mas é um pressuposto ao longo de todo o trabalho: desde o momento inicial da investigação à obtenção do seu consentimento informado, bem como à sua implicação durante todo o percurso, que abarca **a devolução aos participantes**.

Assim, depois que o texto final da pesquisa estava pronto e foi enviado para a banca, nos fizemos escritora novamente e autoras de um novo (ou velho?) texto. Nessa narrativa, desejamos que as palavras de uma escrita dura pudessem ganhar vida e mobilizassem no ouvinte uma experiência corporal, porque sendo o humano essencialmente corporal (Santin, 2001), entendemos que o texto penetra no corpo e corpo penetra no texto produzindo nos sujeitos da relação uma experiência ética e estética. Então, brincamos de escrever e escrevemos ao brincar. Numa escrita brincante buscamos torcer palavras para que elas pudessem acessar as crianças que fizeram parte do estudo.

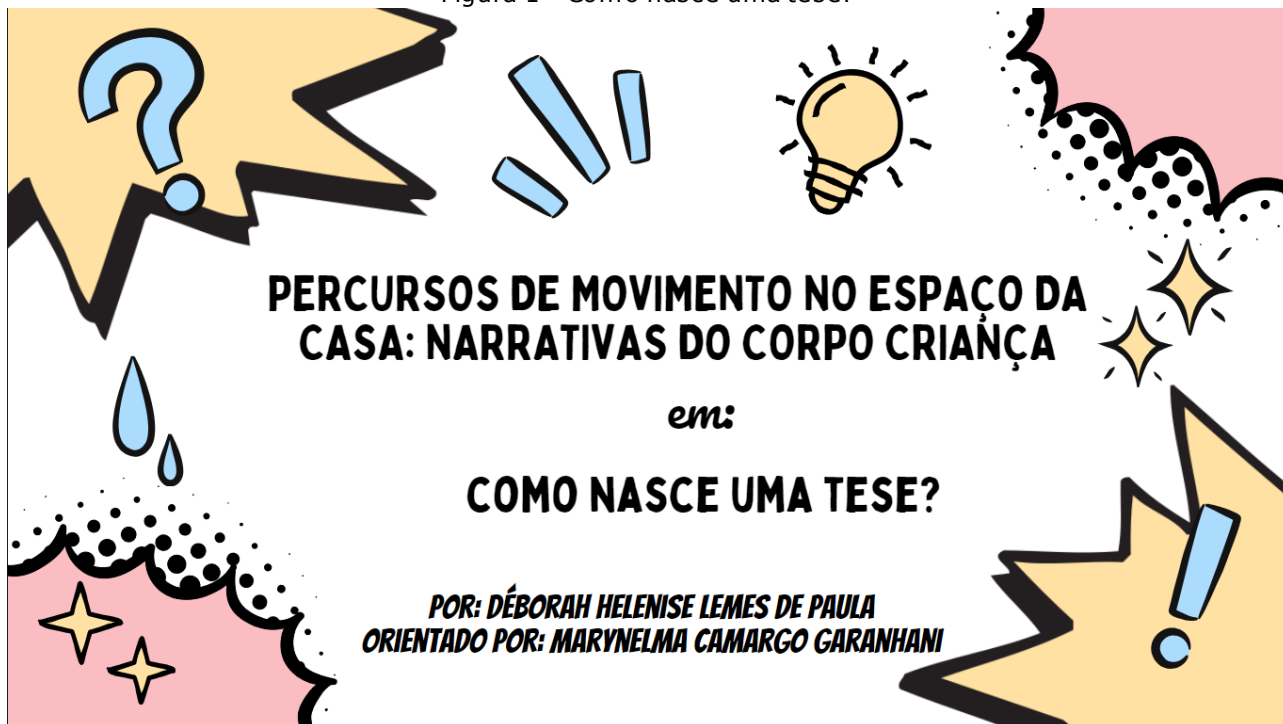
Se narrar é verbo de ação, logo, no dia de defesa da tese, a história escrita por nossas mãos foi (in)corpo(rada), o texto performado e narrado para a banca, para o público e, principalmente, para as crianças participantes da pesquisa que, de suas casas, puderam acompanhar os resultados do estudo³.

É com base nisso que buscamos compartilhar nas linhas desse artigo ou, apoiadas em Gonçalves (2018), nesse ensaio poético-científico, esse modo de palavrear. Para tanto, nos movemos no caminho de uma escrita em primeira pessoa a qual o narrador-personagem é a própria tese, o objeto que vira gente, num enredo em que se amalgamam poética e ciência. Nos arranjos de uma pesquisa científica até o momento de sua defesa, buscamos apresentar uma narrativa que diz respeito a como nasce uma tese de pesquisa com crianças e que, nessa esteira, nos mobiliza a pensar em como comunicar uma tese para crianças.

³ A família das crianças participantes do estudo compartilhou com a pesquisadora uma imagem das crianças assistindo a seção pública de defesa de tese.

COMO NASCE UMA TESE?

Figura 1 - Como nasce uma tese?⁴



Fonte: As autoras (2023)

Outro dia, eu estava navegando pelo território abstrato dos algoritmos, dominados por redes, atores e conexões e alguém me perguntou: como é que nasce uma tese?

Confesso que tomei um grande susto, porque eu nunca tinha pensado em como eu havia nascido.

Naquele momento lembrei da minha história e tudo começou assim...

Eu era bem pequenininha, um circuito de palavras quase do tamanho de um grão de arroz pois, meu corpus, tinha pouquíssimas palavras. Inclusive, fiquei um bom tempo adormecida numa nuvem chamada *one drive*.

Às vezes um ser humano, com dois cliques, me acordava. Logo descobri que era ele que me alimentava. E, cada vez que ele vinha com seus dedos agitados, apertando as letras de um teclado, eu crescia.

Lembro como se fosse hoje: as primeiras substâncias semânticas que começaram a me encorpar tratava-se de um tal de *Parkour*. Eu nem sabia o que era isso, mas como sou muito curiosa, perguntei: *Alexa*, o que é *Parkour*?

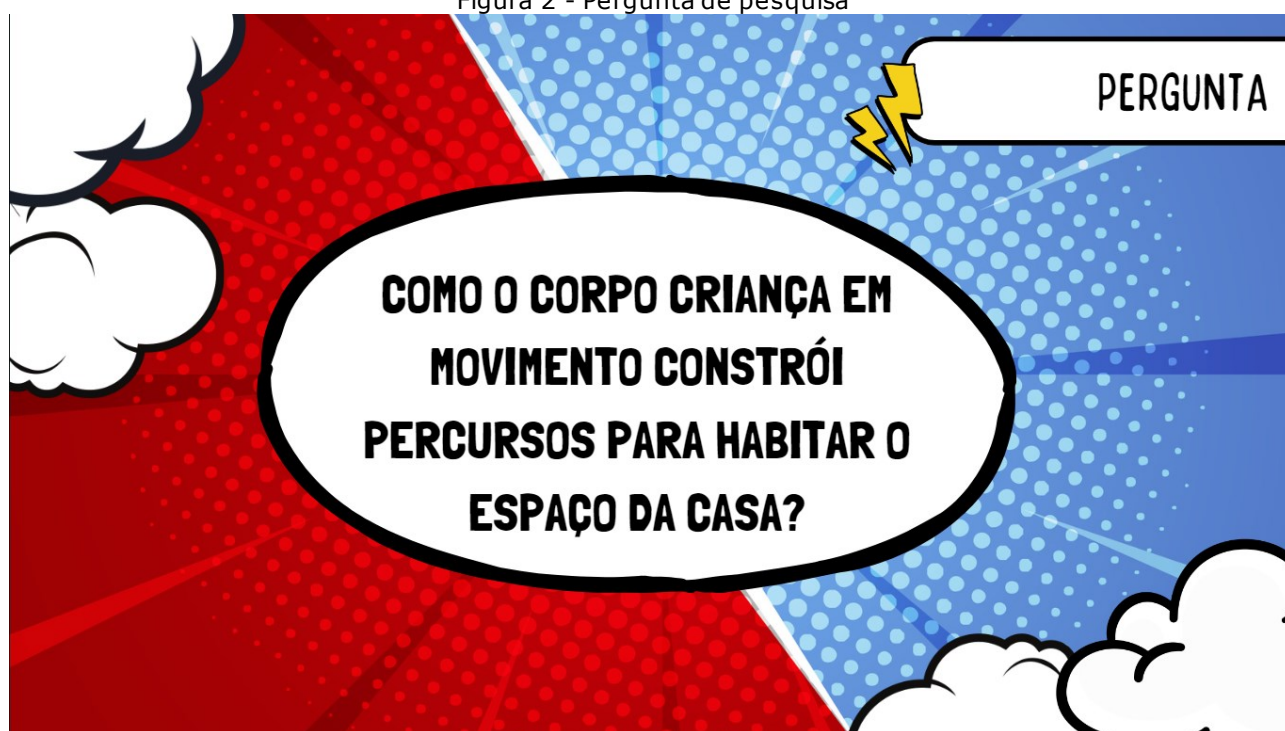
⁴ Os textos visuais, formatados num livro, acompanharam a narrativa enquanto eu performava a história de como nasce uma tese.

Aliás, preciso contar uma coisa para vocês: teses crescem da curiosidade humana e emprestando as palavras da filósofa Marilena Chauí (1987), ela pega carona na esteira do pensamento de outros estudos.

Descobri que a tradução de *Parkour* era percurso, o qual se significa no traçado do espaço da cidade e que uma senhora, muito sabida, chamava de escrita de si (Orlandi, 2014).

Ai meu deus! Foi diante disso que eu comecei a me encher de perguntas, não sobre o *Parkour*, mas sobre as crianças, porque via nas crianças muito *Parkour*. Dentre tantas perguntas, uma me deixou entorpecida:

Figura 2 - Pergunta de pesquisa

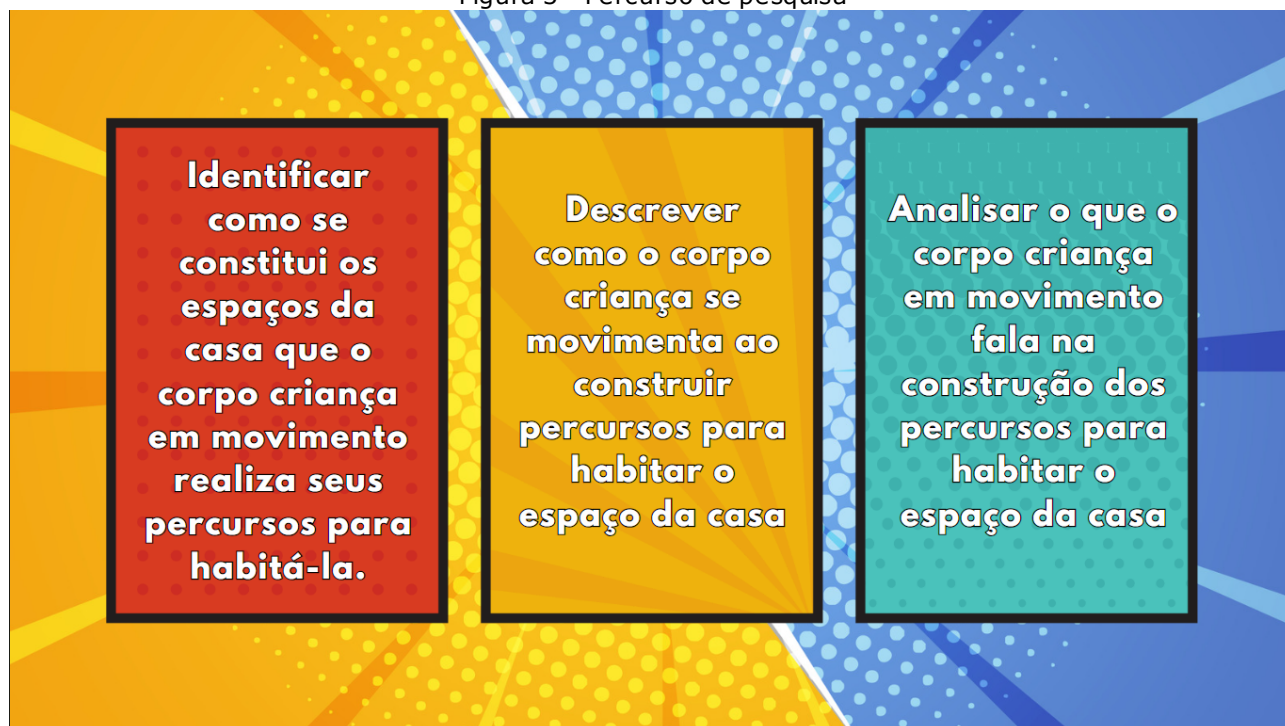


Fonte: Adaptado de Paula (2023, p.49)

Sim! Era isso que eu queria saber.

Mas, para chegar numa possível resposta, sabia que precisava traçar uma rota, um caminho a ser percorrido. Depois de muito pensar consegui estabelecer o meu próprio percurso. Então, eu iria:

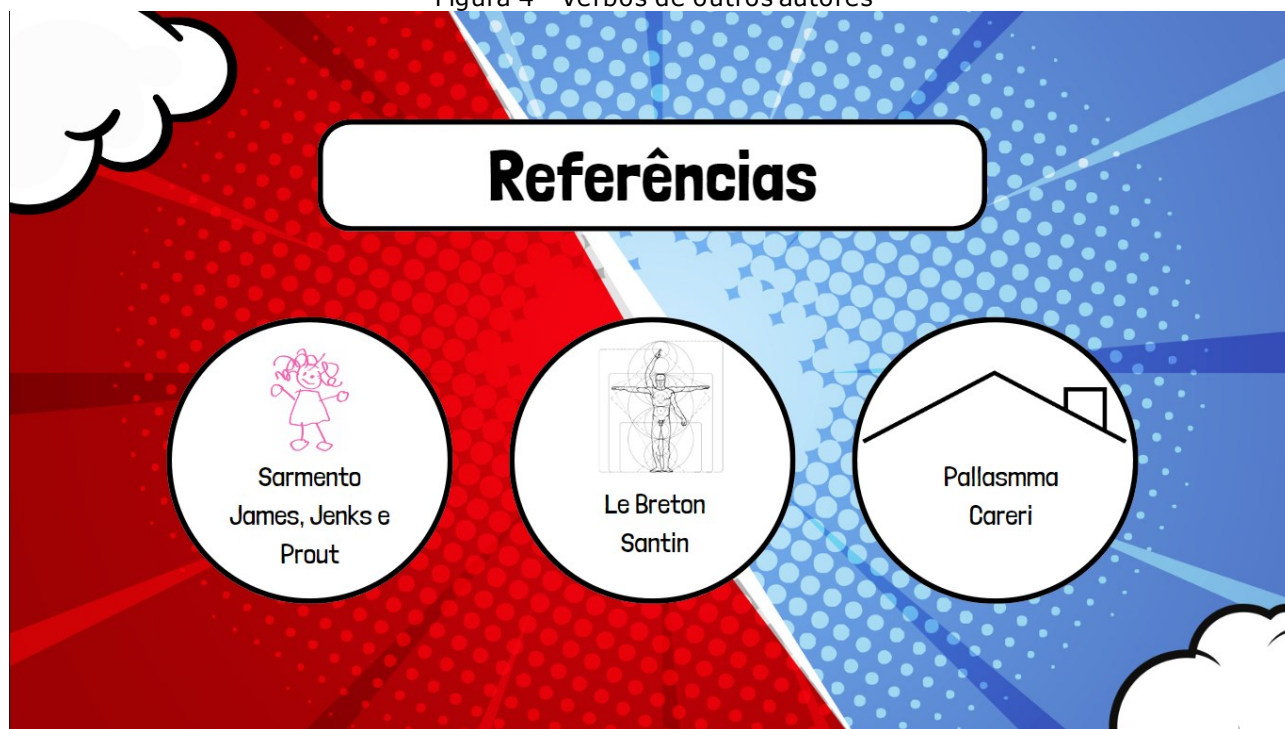
Figura 3 - Percurso de pesquisa



Fonte: Adaptado de Paula (2023, p.62)

Logo percebi que somente traçar meu percurso não seria suficiente, eu precisava me nutrir de verbos escritos por outros.

Figura 4 - Verbos de outros autores



Fonte: As Autoras (2023)

Na minha caixa de texto, sobre o tema corpo criança, acrescentei os estudos da criança e suas infâncias, com uma pitada de Sarmento (2004 e 2005) aqui, um pouquinho de James e Jenks e Prout (1999) ali. Já sobre o corpo criança em movimento usei um tiquinho da sociologia do corpo: uma pontinha de Le Breton (2016 e 2019) misturado com Silvino Santin (2001 e 2003). Opa, opa, opa, já ia esquecendo, também me nutri sobre os temas espaço, percurso e casa com um bocado de Pallasmaa (2012 e 2017) e um tantinho de Careri (2013).

Ufa, finalmente fiquei recheada e já era hora de colocar o pé na estrada metodológica.

Dizem por aí que a metodologia é esse caminho regular e ordenado, usado para compreender fenômenos. Mas, tinha uma dúvida que pairava no ar: estávamos vivendo um tempo de afastamento físico, no qual todo mundo vivia conectado numa nuvem como a que eu morava, assim, como compreender o fenômeno corpo criança atrás de um computador?

Esse era um grande desafio para que minhas linhas ficassem repletas de ideias que fizessem sentido. Porém, aprendi com as crianças dessa pesquisa que elas (as crianças) gostam de desafios, e que os desafios são a transitoriedade da zona de conforto para a zona de expansão. Então, os dedos que me alimentavam que lutassem para me expandir.

Aliás, eu já tinha aprendido, com os autores com os quais fui nutrida, que as pesquisas com crianças desafiam inventores de teses a criar metodologias que de fato deem visibilidade a elas.

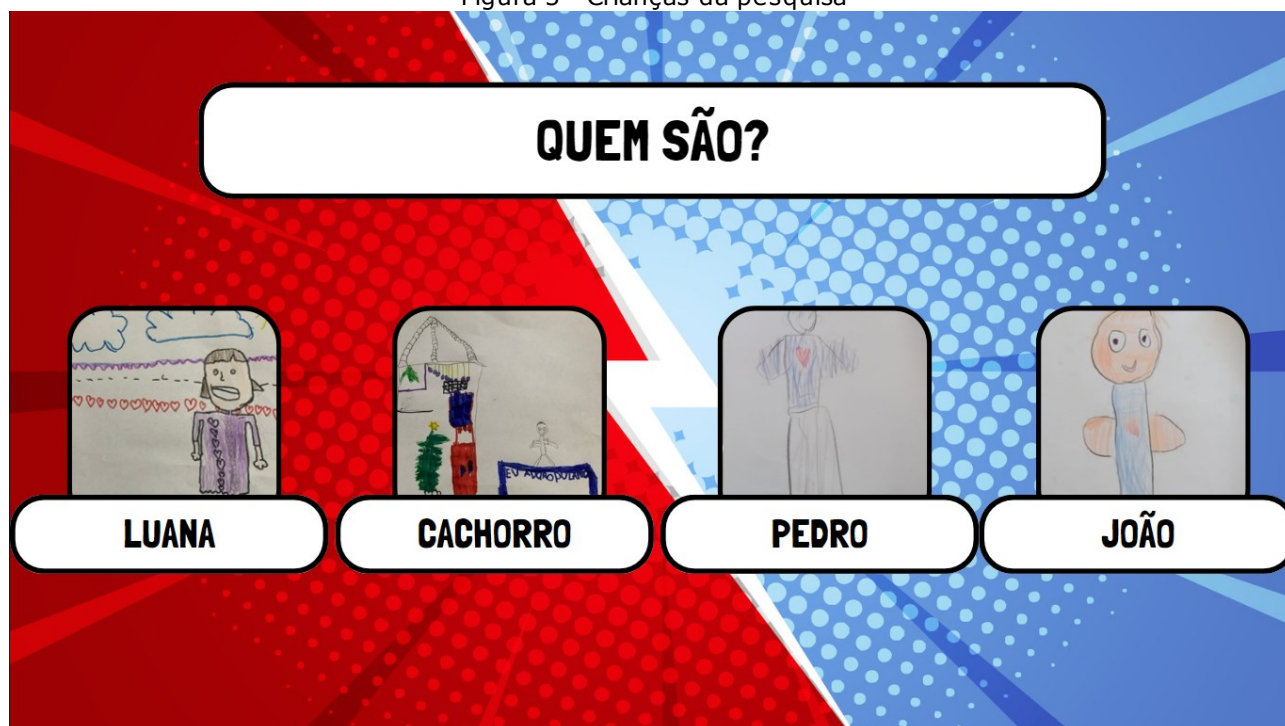
Nesse rebuliço de desafios, eis que nasceu em mim uma ideia metodológica: pesquisar com crianças em ambientes online, utilizando a triangulação como suporte para uma análise descritiva interpretativa.

Foi aí que ganhei muita força para me chegar às crianças, mas não sem antes passar por milhares de dilemas éticos: uma escrita vivida entre, ou isso ou aquilo, e às vezes, (Ah!) às vezes.... nem isso e nem aquilo.

As crianças, que me emprestaram um pouquinho dos seus tempos e de suas vidas para compartilhar nas linhas enrugadas desse texto, foram acessadas por meio da rede social digital Instagram.

Elas eram um pouco mais velhas do tempo que demorei para nascer, tinham entre 4 e 6 anos e como boas inventoras, deram nomes para si e suas famílias para serem identificadas nessa escrita:

Figura 5 - Crianças da pesquisa



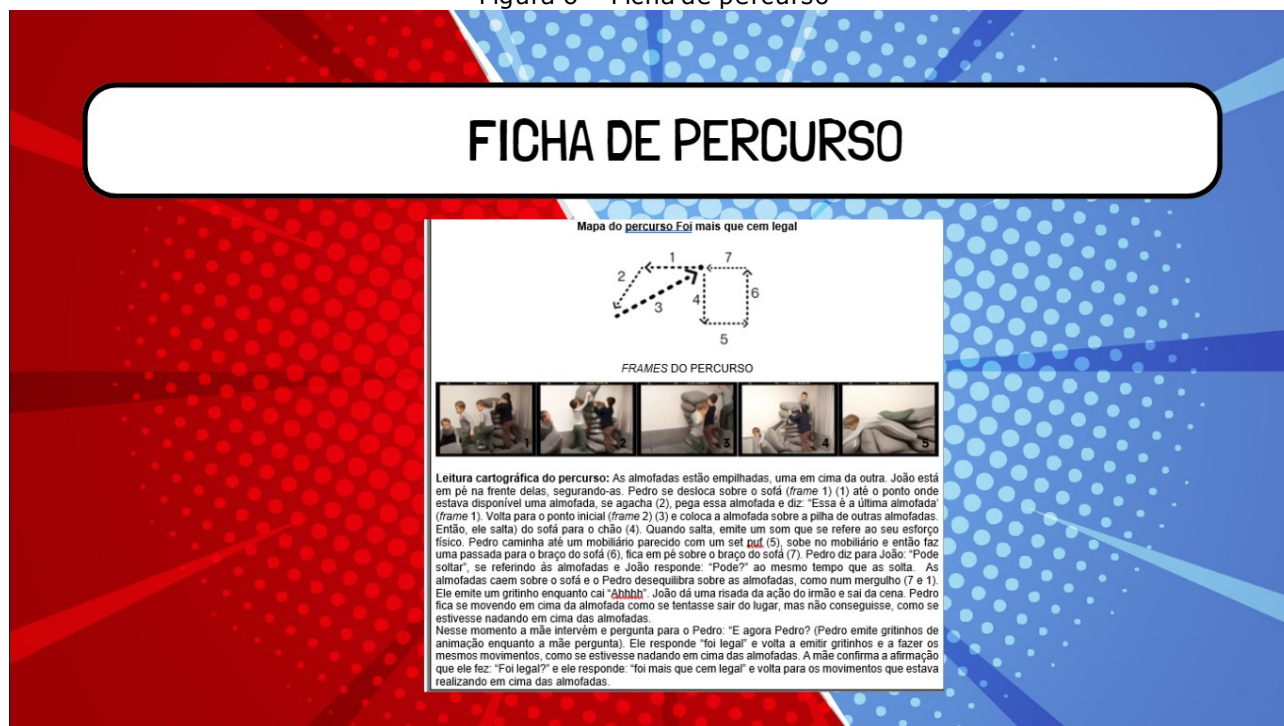
Fonte: Adaptado de Paula (2023, p.84)

Pedro e João que chamaram sua família de Brincalhona, eram dois irmãos gêmeos, mas que de gêmeos só mesmo o nascimento no mesmo dia, porque cada um apresentava características próprias e modos de se relacionarem com o espaço e com o outro muito singular. Teve ainda Luana e Cachorro, os irmãos da família Coelho, aprendi com esses dois, em movimento, sobre cumplicidade, solidariedade e sensibilidade.

Mas, ninguém aprende nada sem um como, e eu aprendi com essas crianças por meio de vídeos gravados pelas famílias, conversas de áudio e texto por Watshapp, entrevista semiestruturada com os pais, vídeos postados no Instagram, visita monitorada online e vídeo chamadas.

Tudo isso foi narrado numa outra caixa de texto chamada: diário de campo, que também vivia na mesma nuvem que eu. Os vídeos gravados pelas famílias foram o carro chefe na análise dos dados, eles foram organizados em Fichas de Percurso, que continham mapas, *frames* dos percursos e leituras cartográficas.

Figura 6 – Ficha de percurso



Fonte: Adaptado de Paula (2023, p.164)

Todas essas narrativas precisaram ser cuidadas, tratadas, zeladas para que então delas, aquele ser humano que às vezes me alimentava, pudesse extrair temas de análise. Foi assim que surgiram alguns códigos. E você já deve estar imaginando esses códigos como um conglomerado de números e letras.

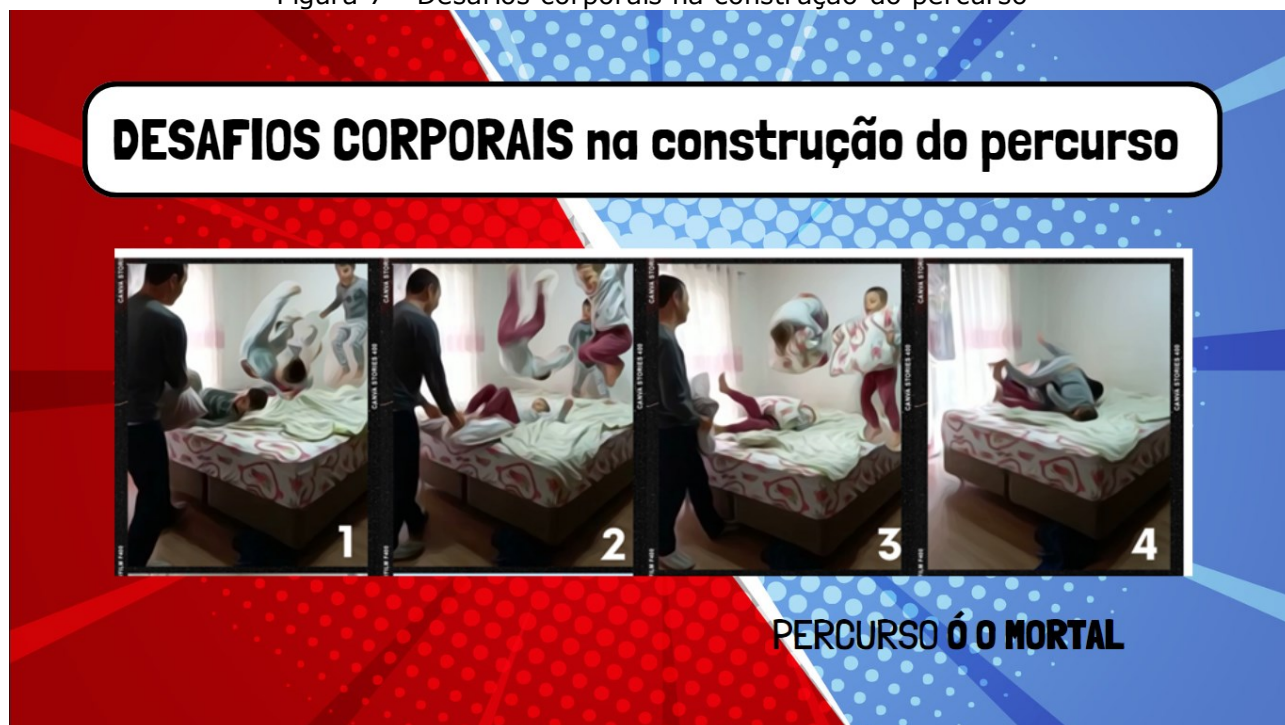
Nananinanão.

Os códigos aqui eram palavras-chave, que abriam as portas para os temas de análise.

E aí, ficou curioso para saber quais eram? Então eu vou te contar!

Os três primeiros foram: verticalidade corporal, emoções, aprendizagem de movimento e contexto de aventura. Esses códigos deram origem ao tema Desafios corporais na construção do percurso. Lembrem que eu já tinha contado para você que as crianças dessa pesquisa adoram desafios?

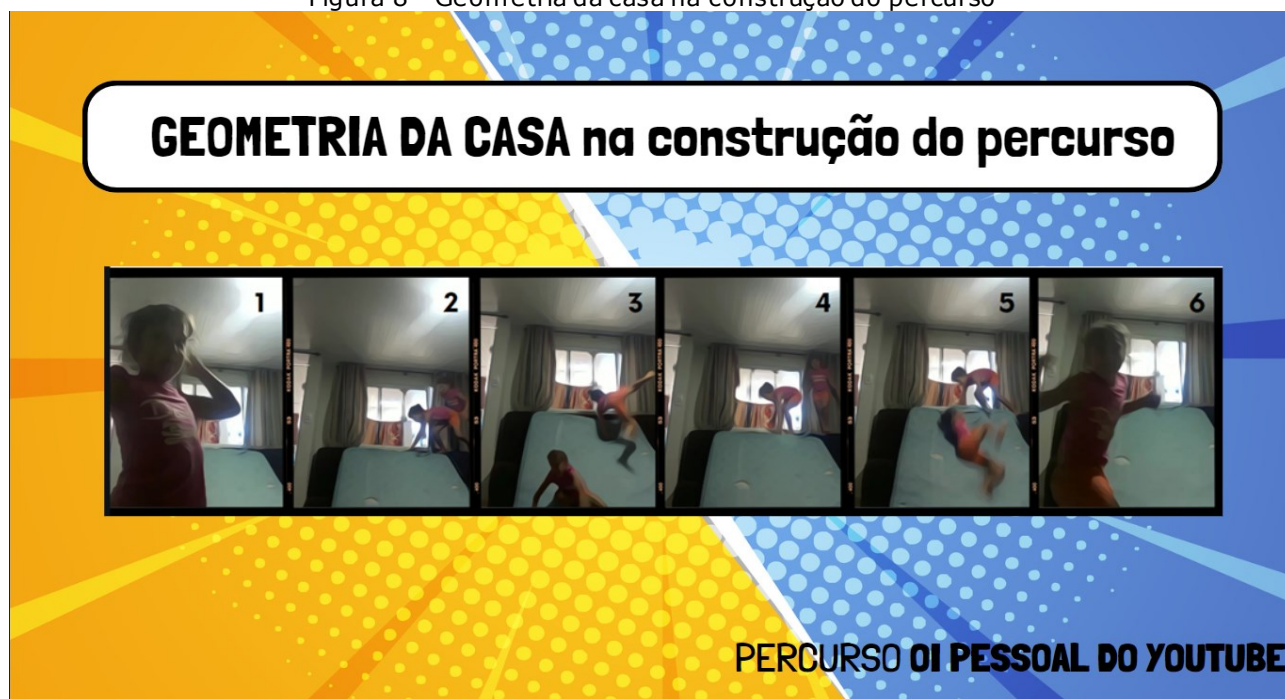
Figura 7 - Desafios corporais na construção do percurso



Fonte: Adaptado de Paula (2023, p.129)

O próximo trio foi formado por: apego espacial, território e expansão espacial. Eles também foram somados aos códigos e deram vida ao tema Geometria da casa na construção do percurso. Mas calma, a geometria aqui não é aquela que você aprende na escola, só tem um tiquinho de relação.

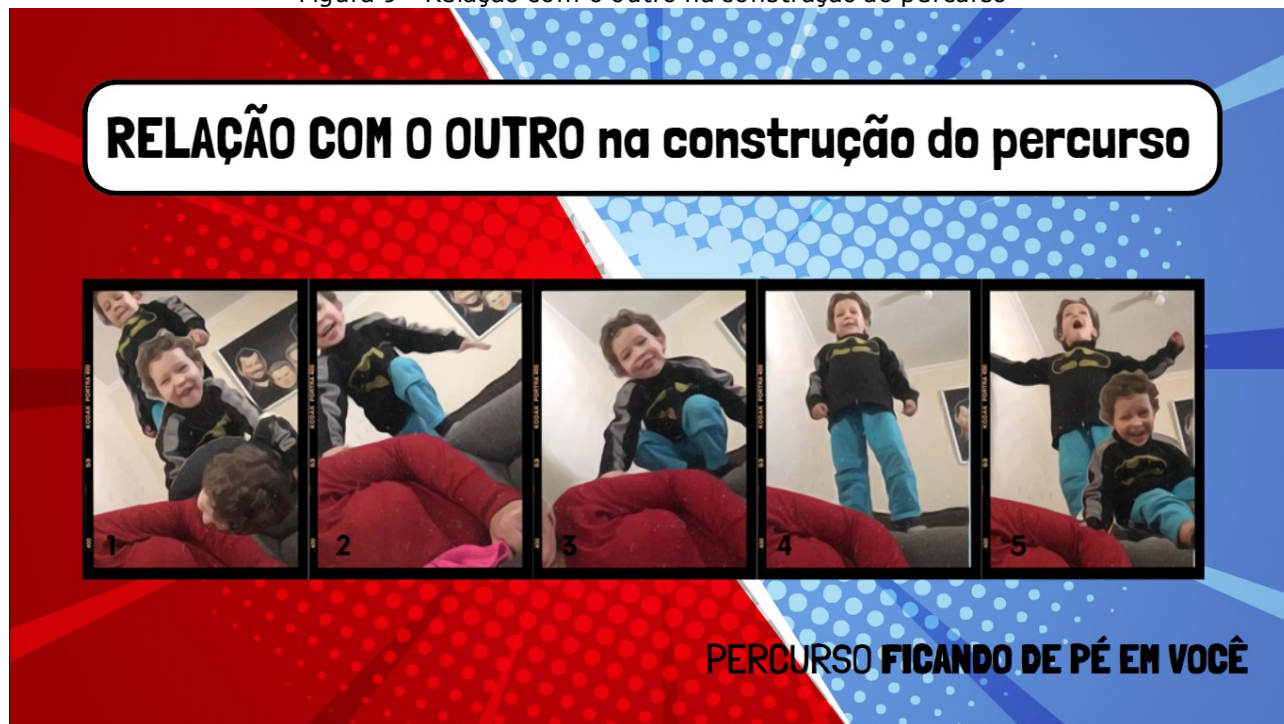
Figura 8 - Geometria da casa na construção do percurso



Fonte: Adaptado de Paula (2023, p.153)

Por fim mais três códigos foram desvendados, são eles: corpo do outro como suporte, corpo do outro como proteção e risco e, corpo do outro como mobilizador. Esses três originaram o tema Relação com outro na construção do percurso.

Figura 9 - Relação com o outro na construção do percurso



Fonte: Adaptado de Paula (2023, p.171)

Tudo isso fez parte de um grande quebra cabeça, daqueles bem mais difíceis do que os de mil peças.

Contudo, as peças foram aos poucos se encaixando e, no primeiro tema, descobrimos que desafio corporal é o modo como as crianças se relacionavam corporalmente com os espaços da casa ao perceberem na espacialidade configurações que as desafiavam, como quando Pedro disse: “oh João segura aqui (referindo-se ao celular) que eu quero fazer um mortal” lá na cama do papai e da mamãe (Paula, 2023, p.133).

As crianças faziam coisas surpreendentes e, para experimentar os desafios, elas avaliavam o que seu corpo era capaz de fazer, como quando Cachorro disse para a mãe: “não consigo nessa parede soltar a mão” (Paula, 2023, p.139) e recorriam às suas capacidades físicas e habilidades de movimento que lhes permitiam criar experiências. Era desafiando a si, espaços e a ordem corporal instituída que elas aprendiam novos movimentos. Pelos desafios corporais entendi que as crianças habitavam, ou seja,

pertenciam ao espaço e faziam o espaço pertencer a si e, nessa ação construíam contextos de aventura.

Mas não parou por aí, no segundo tema, entendi que quando as crianças se colocavam em movimento davam complexidade ao espaço da casa, como por exemplo quando Luana utilizou um colchão encostado na parede da casa para subir um vídeo no youtube: “Oi pessoal do youtube. Hoje vou descer mais um vídeo dessa rampa (mostra a rampa), vai ser muito hilário” (Paula, 2023, p.153).

Descobri com as crianças que elas dispunham de uma sabedoria sobre seus corpos no confronto com as relações sociais e essa (sabedoria) as faziam agir no espaço constituindo seus territórios nas disputas com os adultos, como quando Pedro estava pendurado no corrimão da escada, território proibido e a mãe perguntou o que ele estava fazendo ali. Logo, ele respondeu: “se agarrando” (Paula, 2023, p.160) e, em seguida completou: “e me segurando pra não cair” (Paula, 2023, p.160). Nessa ação, construíam seus percursos.

Ainda, aprendi com as crianças que elas ao testarem, atestarem e contestarem a geometria circular, retangular, isto é, a geometria da casa, estabeleciam com determinados objetos um apego espacial, como foi o caso do sofá, em que num dos percursos João se lançou em cima de almofadas empilhadas e disse para a mãe: “foi mais que cem legal” (Paula, 2023, p.164). Os territórios das crianças e o apego a determinados espaços e objetos materializaram a vivência de novas topografias, corporificadas em seus percursos, em que expandiram os espaços fisicamente, seus significados e sentidos.

Seria ingenuidade da minha parte achar que as crianças ficariam apenas nisso! Foi assim que elas me mostraram no terceiro tema que o corpo do outro tinha papel significativo na construção dos percursos que envolviam desafios corporais na geometria da casa. Sendo assim, percebi o corpo do outro sendo suporte para que o percurso ocorresse, como no percurso que Cachorro contou o que estava fazendo para a mãe: “Ficando de pé em você” (Paula, 2023, p.171).

Nesse cenário em que o corpo serviu de suporte, identifiquei que ele foi suporte em situações de proteção e riscos corporais, como por exemplo quando João subiu uma escada para conhecer o sótão da casa e seu pai usou o próprio corpo para proteger o filho. Por fim, as crianças mostraram que esse corpo do outro como suporte foi móvel para a mobilização do percurso, como no percurso em que João estava subindo o corrimão da casa (lembra que era território proibido?) e seu irmão se aproximou e gritou “de novo, de novo” (Paula, 2023, p.185), incentivando João a retomar o que ele estava

fazendo. Mas, ele subitamente interrompeu João, que começava a subir novamente no corrimão, olhou-o e complementou: “mas antes quero fazer uma coisa” (Paula, 2023, p.185). Então, ele mesmo criou um desafio para seu corpo, materializado num novo percurso.

Ai, ai, depois de tudo isso, todas as peças estavam postas e o jogo estava completo!

1,2,3....

Eis que eu nasci!

Voltei às minhas origens: Como o corpo criança constrói percursos ao habitar o espaço da casa? E, descobri com as crianças que é por meio de desafios corporais experimentados na verticalidade que se constituem na espacialidade da casa e nas relações com outro. Assim, em seus percursos as crianças produzem narrativas corporais que são textualizações, narradas pelo corpo, que dizem sobre si, um corpo criança, ator social, em sua constituição identitária.

Figura 10 - 1,2,3...Eis que nasci



Fonte: Adaptado de Paula (2023, p.204)

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA EM PALAVREAR UMA TESE

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível ao **ouvir** a si mesmo ou ao **ler** seu escrito, que o produtor da narrativa

Se outrora Larossa (2002) disse que a experiência é aquilo que nos toca, nos passa e nos acontece, entendemos que é nosso dever arrematar as arestas desse ensaio poético-científico palavreando sobre como fomos (trans)passados pela construção narrativa de como nasce uma tese com crianças, ou melhor dizendo, como ela ainda nos acontece, pois enquanto (re)escrevemos as linhas desse texto, ele continua nos causando efeito.

Ferraz (2020, n.p.) no posfácio da obra “Água Viva” de Clarice Lispector nos ensina que “Aquela que escreve é uma espécie de agente mecânico que executa algo que transborda”. Assim, transbordamos, pois escrever algo depois que tudo já foi escrito, se tornou o exercício de teorizar nossa própria existência enquanto pesquisadoras, como na epígrafe de Cunha (1997). Transbordamos, porque entendemos que a pesquisa e a narrativa não são coisas que simplesmente passam por nossas vidas, mas que dizem respeito a quem somos e de como fruímos nossa existência no mundo.

Sendo assim, “Buscar nas fronteiras entre o mundo da arte e o mundo da vida” (Gonçalves, 2018, p.168) através da criação narrativa de como se nasce uma tese com crianças, se transformou em nossa jornada de nos reinventarmos como *criancista*⁵. Nesse percurso, aprendemos que é preciso fazer ciência com crianças apoiadas no rigor ético e metodológico, mas que elas, as crianças, nos convidam a expandir as fronteiras da linguagem.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. 1ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1ed. São Paulo: Editora G. Gilli, 2013.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; MACHADO, Sandro. Pauta ético-metodológica em discussões sobre pesquisa com (sobre/para) crianças na Educação Infantil. In: CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Percursos investigativos**

⁵ Segundo Faria et.al. (2022) a expressão *criancista* diz respeito às pessoas que militam em favor da infância e a expressão *criançóloga* trata-se de quem desenvolve pesquisas com o tema infância. Os termos foram traduzidos do italiano *bambinista* e *bambinóloga* pela Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria (Faria et. al., 2022).

em pesquisas com (sobre/para) crianças na Educação Infantil. Porto Alegre: Cirkula, 2022. p.25-56.

CUNHA, Maria Isabel da. CONTA-ME AGORA! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Fac. Educ.** São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan/dez. 1997.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Apresentação: os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; SALVA, Sueli; PINHEIRO, Leandro Rogério; PIRES, Lucas Alexandre. A pesquisa com/sobre/para crianças - descolonizando o olhar e a escuta: uma conversa com Ana Lúcia Goulart de Faria. **Educação**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. e62/1-25, 2022. DOI: 10.5902/1984644470256. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/70256>. Acesso em: 2 jan. 2024.

FERRAZ, Eucanaã. Posfácio: Água de beber: Água viva. In: LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2020. Edição do Kindle.

GONÇALVES, Jean Carlos. Um assalto em São Luís/MA e outros fatos sobre mim: reflexões bakhtinianas sobre a formação estética do professor. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 23, n. 2, p. 159-170, 2018.

JAMES, Allison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. O Corpo e a Infância. In: KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David (org). **Filosofia e Infância:** Possibilidades de um encontro. Petrópolis, Vozes, 1999. p.207-239.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, jan/abril, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n.34, p.75-87, jul./dez., 2014.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele:** a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2012.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. Edição Kindle.

PAULA, Déborah Helenise Lemes de. **Percursos de movimento no espaço da casa:** narrativas do corpo criança. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2023. 222f.

SANTIN, Silvino. O corpo simplesmente corpo. **Movimento**, v.7, nº15, p.57-73, 2001. DOI: [10.22456/1982-8918.2623](https://doi.org/10.22456/1982-8918.2623).

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. 2ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**. Campinas, São Paulo, v. 26, n. 91, p. 361-378, mai./ago. 2005. DOI: 10.1590/S0101-73302005000200003.

SCRAMINGNON, Gabriela. A pesquisa também é das crianças: o retorno ao campo como resposta responsável In: KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Maria Leonor P.B.; BARBOSA, Silvia Néli Falcão. **Ética: Pesquisa e práticas com crianças na educação infantil**. Campinas: Papyrus, 2020. p.64-90. Edição Kindle.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

OUTROS MODOS DE PALAVREAR: COMO NASCE UMA TESE COM CRIANÇAS?

Other ways of wording: how is a thesis with children born?

Déborah Helenise Lemes de Paula

Doutora em Educação
Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal de Educação
Curitiba, Brasil

deborah.helenise@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2138-4192>

Marynelma Camargo Garanhani

Doutora em Educação
Universidade Federal do Paraná
Programa de Pós-graduação em Educação
Departamento de Educação Física
Curitiba, Brasil

marynelmagaranhani@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3975-7137>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Felinto Bento Vianna, 122 sobrado 4, Portão, Curitiba, Paraná. Cep: 81070300

AGRADECIMENTOS

Às crianças e famílias que se envolveram na pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: D. H. L. de Paula, M. C. Garanhani

Coleta de dados: D. H. L. de Paula, M. C. Garanhani

Análise de dados: D. H. L. de Paula, M. C. Garanhani

Discussão dos resultados: D. H. L. de Paula, M. C. Garanhani

Revisão e aprovação: D. H. L. de Paula, M. C. Garanhani

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CAEE: 36088620.7.0000.0102 Data: 23/09/2020.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 12-01-2024 – Aprovado em: 13-09-2024